



### **Alfabetização e Letramento: uma abordagem teórico-metodológica do processo de leitura e escrita**

*Raquel da Silva Mateus<sup>1</sup>; Juliana Alves da Silva<sup>2</sup>; Tiago da Silva<sup>3</sup>; Paula Veruska Alexandre de Lima<sup>4</sup>*

**Resumo:** A questão da alfabetização no Brasil ainda é um problema, se fazendo necessário repensar essa prática escolar. A alfabetização é um processo complexo, tendo o seu início antes mesmo da própria escolarização, pois o sujeito antes mesmo de adentrar a escola já traz consigo vivências do seu cotidiano. Nesse sentido, objetivamos refletir sobre a história e o conceito de alfabetização enfocando que essa é mais do que ensinar a ler e a escrever e sobre seus métodos pedagógicos, colocando também sobre a importância do letramento e como essa dupla deve estar atrelada no processo de aprendizagem da língua, proporcionando um entendimento mais crítico desse fenômeno que é tão discutido no meio educacional e na qual a prática dos professores precisam estar embasadas. Esse texto resulta de um estudo bibliográfico que nos mostra que a especificidade da alfabetização é, em si, o ensino do código alfabético e ortográfico enquanto a especificidade do letramento é o uso social deste código. Por fim, conclui-se afirmando que é possível sim atingir a qualidade da educação nas classes de alfabetização, desde que utilizemos práticas educacionais que reflitam diferentes metodologias, proporcionando tanto o desenvolvimento da alfabetização quanto o desenvolvimento do letramento de cada sujeito.

**Palavras – Chave:** Alfabetização, Letramento, Leitura, Escrita.

### **Literacy and Literacy: a theoretical-methodological approach to the reading and writing process**

**Abstract:** The issue of literacy in Brazil is still a problem, making it necessary to rethink this school practice. Literacy is a complex process, having its beginning even before schooling itself, because the subject even before entering school already brings with him experiences of his daily life. In this sense, we aim to reflect on the history and the concept of literacy focusing on that it is more than teaching to read and write and on its pedagogical methods, also placing on the importance of literacy and how this pair should be linked in the learning process of the language, providing a more critical understanding of this phenomenon that is so discussed in the educational environment and on which the practice of teachers needs to be based. This text results from a bibliographic study that shows us that the specificity of literacy is, in itself, the teaching of the alphabetical and orthographic code while the specificity of literacy is the social use of this code. Finally, we conclude by stating that it is possible to achieve the quality of education in the literacy classes, as long as we use educational practices that reflect different methodologies, providing both the development of literacy and the development of literacy for each subject.

**Keywords:** Literacy, Literacy, Reading, Writing.

<sup>1</sup> Mestranda em Ciências da Educação (ABSOLUT CRISTIAN UNIVERSITY). Pós Graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional (FCC). Pós Graduação em Educação Inclusiva Com Ênfase em AEE (FJN). Graduada em Pedagogia (URCA). EMAIL: raquelmateus.29@gmail.com;

<sup>2</sup> Mestranda em Ciências da Educação (ABSOLUT CRISTIAN UNIVERSITY). Pós Graduação em Docência do Ensino Superior (FCC). Pós Graduação em Educação Infantil (URCA). Pós Graduação em Língua Portuguesa e Artes (URCA). Graduada em Pedagogia (URCA). Email: Alves.rayanna@gmail.com;

<sup>3</sup> Mestrando em Ciências da Educação (ABSOLUT CRISTIAN UNIVERSITY). Pós Graduação em Matemática e Física (FJN). Licenciado em Educação Física (UNILEÃO). Licenciado em Ciências com Habilitação em Matemática (URCA). Bacharelado em Educação Física (UNINTA). EMAIL: tiagosilvacrato@hotmail.com

<sup>4</sup> Mestranda em Ciências da Educação (ABSOLUT CRISTIAN UNIVERSITY). Pós Graduação em Psicopedagogia (Instituto vale do Salgado). Pós Graduação em Prática de Ensino da educação Infantil e Ensino Fundamental (FIP). Email: paula.veruska@yahoo.com.br.

## Introdução

Se pararmos para estudar a história da alfabetização no Brasil, nos será revelado uma trajetória de sucessivas mudanças conceituais e metodológicas na qual estamos, atualmente, passando por mais um processo de transformação, já que pesquisas têm identificado problemas nos processos e resultados da mesma. Muito se tem pesquisado e escrito sobre os problemas que envolvem o alfabetizar, mas não se busca uma articulação entre as diferentes perspectivas do processo de alfabetização, seus métodos, materiais, meios e seus contextos social, cultural e econômico posto em prática juntos ao letramento.

No nosso contexto educacional um dos maiores desafios do professor alfabetizador é pensar e realizar atividades diversificadas e significativas para atender a heterogeneidade de sua turma, relacionando-as ao desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, em um processo de alfabetização em que o aprendiz é conduzido a apropriar-se ao mesmo tempo do código escrito e do letramento. Geralmente as questões ligadas à alfabetização, gira em torno de questionamentos ao como devemos ensinar a ler e escrever já que historicamente tem sido esse o conceito de alfabetização.

Nesse contexto e motivados pelo tema que é abrangente e atual é que buscamos por discutir como se deu o processo histórico da alfabetização e letramento, quais os seus conceitos e os métodos utilizados pelos educadores nesse processo. É sabido que Alfabetização é a ação de alfabetizar, de tornar alfabeto, então, qual deve ser o posicionamento do professor com relação a alfabetização e ao letramento? Deve-se priorizar uma prática, em detrimento da outra? Essas e outras questões, em torno dessa dupla função pedagógica, merecem considerações, pois muitos profissionais da educação ainda confundem esses termos.

Em um sentido mais amplo a escola, tem levado o aluno a aprender a escrita que ela impõe, fazendo com que o mesmo desaprenda as funções da escrita. Desde a alfabetização se privilegiam os aspectos estruturais em detrimento do funcional e como sabemos isso afeta a aprendizagem e o desenvolvimento da língua escrita e oral. Para Soares:

O resultado é que o processo de aquisição da língua escrita, na escola, é, desde o primeiro momento, um processo de (dês)aprendizagem da escrita com as funções de interação autor/leitor, de intersubjetividade, e de aprendizagem de uma escrita que, em vez de interação, é reprodução de um modelo escolar de texto, é “prestação de contas” do autor a um leitor que nada mais espera senão reconhecer, no texto produzido, esse modelo: que, em vez de possibilidade de intersubjetividade, é, ao contrário, negação da subjetividade de autor e leitor, porque um e outro se negam como sujeitos, na escrita/leitura do texto (2005:81).

Nesse interim, como a escola e os professores podem diante dos métodos surgidos ao longo da história alfabetizar letrando sem incorrer de priorizar determinados aspectos? O tema em questão e principalmente sua história é abrangente e complexo, podendo ser analisada sob diferentes perspectivas. Assim, faremos uma discussão sobre as funções e usos da escrita envolvendo uma reflexão sobre sua construção sócio - histórica.

Por fim, esse trabalho não comporta um aprofundamento maior sobre a história e os métodos de alfabetização, no entanto, é colocado um resumo pela necessidade de estudantes e professores conhecerem um pouco sobre a história, conceito e métodos da alfabetização e letramento no intuito de melhorar sua prática e a formação dos educandos.

### **Um pouco da História**

A alfabetização é tão antiga, quanto os sistemas de escrita. O tema alfabetização e principalmente sua história é abrangente e complexo, podendo ser analisada por diferentes perspectivas. Assim, podemos afirmar que é impossível formular um único conceito de alfabetização, já que estudos históricos e antropológicos documentam mudanças nesse conceito ao longo dos tempos por atestarem diferentes usos da leitura e escrita de acordo com seu grupo social.

Para que possamos fazer uma reflexão mais profunda é imprescindível que falemos do processo de escrita, da escola e da educação, desde suas origens até se formar uma concepção acerca delas. Nas sociedades primitivas quando ainda não existiam escolas nem educação oficializadas os conhecimentos eram adquiridos entre povos através da imitação e de cerimônias de iniciação que tinham valor educativo, moral, social, político e religioso. Já nas civilizações orientais a educação girou em torno do domínio da formação da linguagem e da literatura.

A escrita foi uma das conquistas do homem que mais levou tempo para ser adquirida, foram necessários milhões de anos para que um sistema de sinais fosse encontrado, representando assim, a linguagem oral. Foi inventada pelos Sumérios 3000 a.C e é considerada por muitos como a maior conquista da humanidade marcando a passagem da pré-história para história. A partir daí surge a palavra alfabetizar utilizada na antiguidade e que na Grécia já era relacionada ao ensino do alfabeto.

Durante séculos, o significado de alfabetização esteve vinculado ao conceito de que alfabetizar era “a capacidade de dominar um sistema de sinais que compõe o código da linguagem escrita” o que restringia seu conceito. Para muitos estudiosos uma das maiores

contribuições culturais para o mundo ocidental foi o sistema de escrita alfabética Grega, pois nasce daí os alfabetos que dominam o ocidente.

Em se tratando da origem da escola podemos encontrá-la no período medieval existindo em número restrito e sendo dominadas pela religião católica, pouquíssimas pessoas eram escolarizadas. Contudo, nos séculos XV e XVI, duas mudanças estimularam o acesso à leitura e o acesso a livros: a invenção da imprensa por Gutenberg e a Reforma Protestante iniciada por Lutero. Os protestantes começaram a questionar o controle educacional da igreja, fazendo com que muitos estados organizassem seu próprio sistema de escolas abrindo espaço para alfabetização que era considerada necessária a transmissão da fé.

Foi então, com a revolução Francesa que a escola ganhou impulso e teve avanços importantes, pois a educação passa a ser dada também aos pobres e a alfabetização passa a ser posta como disciplina escolar. Mas, somente com a revolução industrial é que o povo em geral se inicia no processo de alfabetização. Com o advento do capitalismo passou-se a exigir que os trabalhadores fossem qualificados para serem bons cidadãos disciplinados e sociáveis.

No Brasil, um sistema de ensino nacional só foi estruturado nas primeiras décadas de 1900 e em consequência da industrialização e da urbanização. Na verdade o objetivo da criação de escolas para o povo era de integrá-los nas novas formas de produção e não para instruí-los com os conhecimentos acumulados historicamente. Assim, podemos observar os resultados dessa segregação social nas altas taxas de analfabetismo que ainda hoje acomete a população brasileira apesar dos programas para alfabetizar, nos elevados índices de repetência, na evasão escolar e na falta de recursos humanos e materiais nas escolas.

## O conceito

Etimologicamente, o termo alfabetização significa “levar a aquisição do alfabeto” o que tradicionalmente se traduz por ensinar o código da língua escrita, as habilidades de ler e escrever. De acordo com Tfouni (1995) o processo de alfabetização

refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para a leitura, escrita e a chamadas práticas da linguagem. Isso é levado a efeito, em geral, por meio do processo de escolarização e, portanto, da instrução formal” (TFOUNI, 1995, p. 9).

Dessa forma, a escrita é o resultado da cultura humana e seu processo de ensino e aprendizagem ocorre por meio da alfabetização. Esse processo consiste na socialização, transmissão e apropriação desse conhecimento pelos sujeitos neles envolvidos.

Já para Soares (2005) a alfabetização é um conjunto de habilidades de natureza complexa e de múltiplas faces, pois, ela não é apenas a transferência do sistema fonológico para o ortográfico, mais do que isso, é um processo que deve levar o indivíduo ao domínio total da leitura e escrita, onde possa produzir textos adequadamente em diferentes situações e ser um leitor assíduo. E afirma:

Em seu sentido pleno, o processo de alfabetização deve levar a aprendizagem não de uma mera tradução do oral para o escrito, e deste para aquele, mas a aprendizagem de uma peculiar e muitas vezes idiossincrática relação fonema-grafema, de um outro código, que tem, em relação ao código oral, especificidade morfológica e sintática, autonomia de recursos de articulação do texto e estratégias próprias de expressão/compreensão (Soares, 2005;17).

Nesse sentido, a escola tem levado o aluno a aprender a escrita que ela impõe, fazendo com que o mesmo desaprenda suas funções, o foco é apenas ler e escrever. Através da prática, podemos constatar que para a escola o processo de alfabetização parece significar apenas a aquisição de um instrumento para obtenção de conhecimentos servindo ao capital sem destacar o seu caráter político. Assim, é preciso que os educadores tornem-se conscientes de que as habilidades de ler e escrever não são neutras. Elas reforçam ou questionam valores, tradições, padrões de poder de uma determinada sociedade.

Segundo Freire (1988) é impossível negar o caráter político da educação, por isso, necessitamos saber a favor de quem e contra quem fazemos o que fazemos, pois a educação está intrinsecamente ligada a questão de poder. É certo que a educação reproduz a sociedade, mas, ela não faz apenas isso, a educação também é um instrumento de conscientização e tomada de poder. Para ele “a questão da coerência entre a opção proclamada e a prática é uma das exigências que educadores críticos se fazem a si mesmo. E que sabem muito bem que não é o discurso que ajuíza a prática, mas a prática que ajuíza o discurso (1998;25).”

Dessarte, assumir o caráter político da educação e alfabetização é um ato que todo professor consciente deve fazer. Existe um processo histórico da humanidade que precisa ser criticizado e ensinar a ler e escrever de forma questionadora e reflexiva é o começo para se ler além da palavra. É preciso incorporar uma prática educativa que faça uma aliança entre alfabetização e letramento, sem perder a especificidade de cada um dos processos, sempre fazendo relação entre conteúdo e prática e que, fundamentalmente, tenha por objetivo a melhor formação do aluno.

## Conversando sobre Letramento

No cenário atual é muito comum ouvir a palavra letramento, principalmente nos meios acadêmicos. Ao refletir sobre o termo letramento, Magda Soares (2001) enfatiza que letramento é uma palavra que foi incorporada ao vocabulário da educação e das ciências linguísticas na segunda metade dos anos 1980. Trata-se, então, de uma palavra ainda desconhecida, não compreendida pela maioria das pessoas.

Letramento é uma palavra criada devido à tradução “ao pé da letra” da palavra literacy, portanto: [...] “Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever; o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (SOARES, 2001, p. 18). Portanto, o letramento extrapola a simples decodificação dos signos ou das letras, uma vez que, o sujeito vai decodificar as letras e compreender a mensagem subjacente que aquele conjunto de signos traz.

Se a ênfase até a década de 1980 foi a alfabetização, no presente século, o letramento constitui-se uma prática que tem suscitado muitos debates. É possível perceber que a sociedade contemporânea encontra-se envolta às novas tecnologias e ao uso amplo e variado da escrita. Devido a isso, a missão que se impõem à educação atual é formar educandos que escrevam e leiam com competência. Não basta ensinar a simples decodificação das letras, mas se faz necessário levar os indivíduos, crianças e adultos, a envolver-se em práticas sociais de leitura e de escrita. Neste sentido, cabe aos professores de pré-escola e dos anos iniciais do ensino fundamental, que ensinam as primeiras letras aos alunos, alfabetizar letrando.

A escrita tem uma função social, uma vez que ela transmite uma mensagem, fazendo o registro de um acontecimento social pretendendo eternizá-lo. Mas, para que a escrita desempenhe este papel social é preciso escrever de maneira ordenada, isto é, obedecer ao padrão estabelecido, por isso há um alfabeto padronizado, que é um sistema de signos. Ao apropriar-se do uso da escrita por parte do sujeito traz consequências no âmbito social, cultural, político, econômico e cognitivo, tanto para o indivíduo quanto para a comunidade na qual está inserido. Desta forma, pode-se afirmar que o letramento traz melhores condições de vida para o sujeito e para a comunidade, pois, ao saber fazer uso social da escrita e da leitura, a pessoa é capaz, por exemplo, de ler um contrato, pegar um transporte público, sacar dinheiro e etc.

É importante destacar que o letramento ocorre, conforme salienta Soares (2001), em um processo de escolarização real e efetiva da população, onde se tenha disponibilidade de material de leitura e informação. Dessa forma, a autora esclarece que:

[...] o que ocorre nos países do terceiro mundo é que se alfabetizam crianças e adultos, mas não lhes são dadas as condições para ler e escrever: não há material impresso posto à disposição, não há livrarias, o preço dos livros e até dos jornais e revistas é inacessíveis (p. 58).

Nesse interim, impossível é não perceber que letramento e alfabetização são fenômenos distintos, embora devam acontecer concomitantemente no processo de formação humana do sujeito. Por isso,

(...) a pessoa que aprende a ler e escrever – que se torna alfabetizada – e que passa a fazer uso da leitura e da escrita, a envolver-se nas práticas sociais de leitura e escrita – que se torna letrada – é diferente de uma pessoa que não sabe ler e escrever – é analfabeta – ou, sabendo ler e escrever, não faz uso da leitura e escrita – é alfabetizada, mas não é letrada, não vive no estado ou condição de quem sabe ler e escrever e pratica a leitura e a escrita (SOARES, 2001, p. 36).

Sendo assim, se alfabetização e letramento são fenômenos distintos, embora estejam interligados, como saber diferenciar o sujeito alfabetizado do sujeito letrado? Sobre esta questão, destacamos a resposta de Soares (2001;48): “É difícil a resposta a essa pergunta, porque letramento envolve dois fenômenos bastante diferentes, a leitura e a escrita, cada um deles muito complexo, pois é constituído de uma multiplicidade de habilidades, comportamentos, conhecimentos”. Dessarte, é possível compreender que há diversos níveis e tipos de letramento, uma vez que irá depender das necessidades do sujeito, da comunidade, isto é, do âmbito social, cultural, político e econômico em que está inserido.

O processo de letramento começa a partir do momento em que o aluno convive com pessoas que utilizam-se da língua escrita, e fazem parte de um contexto onde há a existência de material escrito. É desta forma que o indivíduo vai conhecendo e reconhecendo as práticas de leitura e da escrita. Já a alfabetização, só começa quando a criança passa a frequentar o ambiente da escola, no qual passa a concretizar o hábito e as práticas da língua escrita. Contudo, o que se observa é que nem todas as crianças e jovens tem a oportunidade de viver em um ambiente onde os adultos leem com frequência e contam histórias. Um ambiente onde existam bastantes livros, revistas, jornais no qual ela possa conviver com o letramento.

É considerada alfabetizada a pessoa que aprendeu a escrita alfabética, porém com habilidades para ler e escrever, associando este aprendizado às práticas sociais. Assim, entende-se que é preciso alfabetizar e letrar para que se tenha um cidadão pleno e que saiba interpretar o ambiente social em que atua. O desafio está então em como se alfabetizar letrando.

Nesse interim, para que se consiga alfabetizar e letrar é imprescindível que se considere as particularidades dos processos de letramento e de alfabetização. Ou seja, oferecer a aquisição da leitura e da escrita e ao mesmo tempo inserção do indivíduo nesta cultura é tornar viável a

compreensão do sistema escrito e sua importância diante de suas práticas sociais, culturais de leitura, oralidade e escrita, bem como dos mecanismos envolvidos nesse processo.

Entende-se que a escola é apenas uma das pontes para o letramento, pois esse, enquanto prática social é apreendida primeiramente na família, depois nas ruas e em outros ambientes da sociedade. Uma vez apreendido, o conhecimento deve ser mantido e adaptado pelo mediador em favor da língua escrita, levando sempre em consideração o conhecimento adquirido pelo indivíduo.

Observa-se que a escola, na figura do professor almeja um aluno que tenha autonomia sobre sua aprendizagem e que aprenda a partir de sua reflexão e compreensão, porém o que é percebido é que suas tarefas são essencialmente mecânicas, como a reprodução e junção de sílabas, repetição de famílias silábicas, contradizendo o desejável que seria formar cidadãos capazes de discernir sobre as demandas da sociedade em que vive. Lerner (2002, p.20) ressalta que:

Se a escola ensina a ler e escrever com o único propósito de que os alunos aprendam a fazê-lo, eles não aprenderão a ler e escrever para cumprir outras finalidades (essas que a leitura e a escrita cumprem na vida social); se a escola abandona os propósitos didáticos e assume os da prática social, estará abandonando ao mesmo tempo sua função ensinante.

Com isso, ressaltamos a importância da conscientização dos educadores para que não dissociem o alfabetizar do letrar, pois os educandos aprenderiam a fazer uma leitura de mundo com muito mais criticidade e entusiasmo se essa compreensão fosse levada ao fazer pedagógico no dia-a-dia da sala de aula.

O dilema segundo Ferreiro (1987) é que ignoramos que atrás de uma criança ou jovem, ora vista apenas como um ser que tem olhos, ouvidos e mãos, há também um sujeito capaz de ter autonomia sobre a construção e posse do seu próprio conhecimento. Entende-se que a alfabetização tem como objetivo fazer com que os seres tenham a percepção do seu poder de desenvolvimento e como consequência venha a conquistar a sua autonomia, tornando-se no futuro um ser crítico e conhecedor de seus direitos.

Por conseguinte, dentro de um contexto social cada vez mais competitivo é preciso que a escola exerça o seu papel não só de formar cidadãos que saibam simplesmente ler e escrever, mas que tenham uma visão diferenciada de compreensão e transformação de sua própria condição perante a sociedade em que vivem. E Paulo Freire ressalta: “ser alfabetizado é tornar-se capaz de usar a leitura e a escrita como meio de tomar consciência da realidade e de transformá-la (2001, p.76)”. Assim, linguagem e realidade se prendem dinamicamente durante todo o processo.



## Os métodos da alfabetização

De acordo com a evolução social, cultural e econômica, as práticas pedagógicas e os métodos de alfabetização vão se modificando para que as necessidades de determinado tempo sejam atendidas. As discussões sobre alfabetização historicamente se organizou em torno da eficácia dos processos (sintético, analítico, analítico-sintético) e dos métodos (silábico, fônico, global). Conhecer esses métodos e processos tem por finalidade permitir que o professor se situe nas discussões metodológicas compreendendo que as mudanças de rumo no que se refere à alfabetização altera os modos de alfabetizar.

A abordagem sintética é o método mais antigo e é estritamente mecânico, com memorização pela repetição. Para ele o aprendizado parte do nome das letras, das sílabas que devem ser soletradas pelo educando até ler toda palavra. Os métodos sintéticos dividem-se em:

- ✓ **Alfabético:** no qual o aluno aprende primeiro a letra isoladamente, depois a ligar as consoantes as vogais, formando as sílabas para poder formar as palavras e chegar ao todo.
- ✓ **Fonético ou fônico:** o aluno parte do som das letras, unindo o som da consoante com a vogal, pronunciando a sílaba formada. Começa sempre dos sons mais simples para os mais complexos, das vogais para as consoantes. Por fim, formam-se as sílabas e as palavras.
- ✓ **Silábico:** o aluno parte das sílabas para formar palavras. Considera a sílaba a unidade linguística fundamental, já que, na prática, só se pode pronunciar a consoante juntamente com a vogal. Começa-se pelas sílabas formadas por uma consoante e uma vogal, até chegar às mais complexas.

Ainda encontramos diversas propostas didáticas relacionadas a esses métodos, privilegiando os processos de decodificação e as relações grafema/fonema. É importante destacar que esses métodos quando utilizados de forma exclusiva apresentam limitações, não explorando questões complexas como a relação entre a fala e a escrita pois, o método sintético leva o aluno a perceber partes isoladas, sem significado, fazendo com que sua percepção e compreensão seja atrofiada.

A abordagem analítica começa a ser utilizada em oposição a teoria do método sintético. Os processos de ordem analítica partem das unidades maiores para as menores, isto é, de sentenças ou palavras para análise e decomposição como um ato global. Dessa abordagem decorre os seguintes métodos:

- ✓ **Palavração:** o aprendizado, como diz o nome, começa pelas palavras. Apresenta-se um grupo de palavras que os alunos tentam reconhecer pelas características gráficas. São propostas atividades de memorização de palavras, às vezes associadas a imagens.
- ✓ **Sentencição:** nesse caso, o aprendizado se inicia por frases inteiras. A proposta é partir de uma unidade de significado mais completa, que é a frase. O estudante deve reconhecer e compreender o sentido de uma sentença para só depois analisar as suas partes menores, palavras e sílabas.
- ✓ **Global:** Também conhecido como método de historietas ou contos, apresenta primeiro estruturas de textos com começo, meio e fim. Parte-se de um texto, trabalhado por certo tempo, no qual o aluno memoriza e entende o sentido geral do que é “lido”. Só depois se analisam as sentenças e se identificam as palavras, comparando as suas composições silábicas.

Segundo Soares (2005) a questão da alfabetização será insolúvel, enquanto não se articular e aprofundar as diversas facetas do método para uma melhor compreensão dos procedimentos de ensinar a ler e escrever. É importante destacar que a formação do educador passa por essa questão também, já que esse tem especificidade, exigindo uma grande preparação que leve o professor a compreender questões psicológicas, sociolinguísticas e linguísticas com seus condicionantes sociais, culturais, político e econômico.

Contudo, foi a partir da concepção psicogenética advinda da teoria de Jean Piaget que uma nova concepção de alfabetização começa a ser introduzida, havendo um abandono das discussões sobre a eficácia dos métodos. Foi na década de 80 com a divulgação da Psicogênese da língua escrita que um novo debate sobre a aquisição da leitura e escrita começa a surgir no cenário educacional brasileiro.

A Psicogênese da língua escrita, pesquisa realizada em 1986 por Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, descreveu o processo evolutivo na concepção da língua escrita que o ser humano vai se apropriando, a partir do desenvolvimento de hipóteses específicas em cada etapa ou nível. E é através dessa reinvenção da escrita que se constitui um novo conhecimento para a criança, ou seja, elas vão não apenas decodificando, mas também reinventando o sistema, e como afirma Ferreiro (1987:13):

Não se trata de que as crianças reinventem as letras nem os números, mas que, para poderem se servir desses elementos como elementos de um sistema, devem compreender seu processo de construção e suas regras de produção...

A obra preconiza que a criança não chega à escola vazia sem saber de nada sobre a língua, e estabelece quatro fases de desenvolvimento até que a criança esteja alfabetizada, mas é importante ressaltar que essas fases não são uma regra, na qual todas as crianças irão passar, por exemplo, na mesma idade, não é isso, esse desenvolvimento vai depender do meio que a criança vive e dos estímulos que tem.

Sendo assim, foi considerando as variáveis sócio-culturais, políticas e psicolinguísticas que se travou o processo de construção da língua escrita. A autora não criou um método como muitos pensam, apenas procurou observar como se desenvolve a língua escrita na criança transferindo o foco educativo do professor que ensina para o aluno que aprende e levando em consideração o tempo de cada aluno, seu ritmo de aprendizagem e o seu contexto. De acordo com sua proposta, “a criança se coloca problemas, constrói sistemas interpretativos, pensa, raciocina, e inventa, buscando compreender esse objeto social particularmente complexo que é a escrita” (2001;07).

Antes de entrarem para a escola as crianças já trazem consigo uma bagagem sobre a língua escrita e constroem hipóteses sobre este objeto de conhecimento. Ao contrário do que a escola preconizava (e muitas ainda permanecem com essa concepção de que o que importa é o acúmulo de conhecimento), ela resgata a compreensão do sujeito cognitivo de Piaget, colando a criança como ser capaz desde muito pequena. Com isso, tenta-se levar em consideração primeiramente o que a criança já sabe sobre a língua para depois incentivá-la através de atividades questionadoras, que faça refletir.

Os níveis de evolução da escrita pelo ser humano buscam a compreensão de como se desenvolve à representação da escrita, e de acordo com Ferreiro (2001) está assim dividido:

- ✓ Nível pré-silábico- o indivíduo já diferencia a escrita do desenho, mas não conseguindo ainda relacionar as letras com os sons da fala. Nessa fase pode haver tentativas de correspondência figurativa entre a escrita e o objeto referido, por exemplo: muitas letras para representar um objeto grande e poucas letras para representar um objeto pequeno - que é chamado de realismo nominal. Aos poucos a criança estabelece um critério de que para ser considerada uma palavra, ela precisa ter no mínimo três letras e conseqüentemente as letras não podem ser repetidas.
- ✓ Nível silábico- A criança trabalha com a hipótese de que a escrita representa partes sonoras da fala, atribuindo cada letra a um valor de sílaba.
- ✓ Nível Silábico-alfabético- mistura a lógica da fase anterior com a identificação de algumas sílabas, atribuindo uma letra a cada som. Em alguns casos passa a escrever palavras com algumas sílabas completas e outras incompletas;

- ✓ Nível Alfabético- o sujeito domina enfim, a relação letra-sílaba-som. A partir daqui, resta conhecer e dominar as irregularidades da língua, as questões ortográficas.

## Considerações Finais

Reconhecendo que a educação brasileira passa por uma problemática, a falta de qualidade da alfabetização, necessita-se que surjam novos olhares e práticas transformadoras e a intenção desse texto é de estimular essa nova forma de pensar os métodos e conceitos da alfabetização.

A educação das séries iniciais, que coincide com o período de início da alfabetização, é o alicerce de toda estrutura da educação e por isso, necessita de uma atenção especial. Os professores alfabetizadores precisam ser competentes, criativos, responsáveis e conscientes de sua responsabilidade na formação desses sujeitos como intelectuais e cidadãos comprometidos com a transformação social.

Acreditamos sim que é possível atingir a qualidade na educação das classes de alfabetização com práticas educacionais que utilizem diferentes metodologias, proporcionando tanto o desenvolvimento da alfabetização quanto o desenvolvimento do letramento de cada sujeito, através do qual ele possa ser autor e escritor de suas vidas e histórias.

Nesse sentido, concluímos que uma discussão mais abrangente acerca da alfabetização se faz necessárias, para que possamos refletir sobre questões como os métodos, função, material com que se alfabetiza e objetivos, suas relações sociais, e sobretudo conflito cultural e linguístico surgido das diferenças da cultura e linguagem da classe popular com a cultura e linguagem da escola.

Reanalisar nossa prática como educadores e buscar conhecer sempre mais é um caminho para que mudanças possam ser efetivadas no campo pedagógico, pois somos os únicos seres capazes de fazer uma revolução conceitual sobre alfabetização, o que poderá levar a mudanças significativas no próprio campo escolar.

## Referências

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. 24.ed. São Paulo; Cortez,2001. (Coleção Questões da Nossa Época; v.14).

FERREIRO, Emília. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes médicas sul, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo-SP; Editora Cortez, 1988. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LERNER, D. **Ler e escrever na escola: O real o Possível e o Necessário**. Porto Alegre, RS: Art. Méd., 2002.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2005.

SOARES, Magda Becker. **Letrar é mais que alfabetizar**. Disponível em: <http://intervox.nce.ufrj.br>, acesso em 15 de Janeiro de 2019

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte, Autêntica, 2001. 2. ed., p. 13-60.

SOARES, Magda. **Letramento e escolarização**. In: RIBEIRO, Era Masagão (org.). **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global, 2003.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. São Paulo: Editora Cortez, 1995.



#### **Como citar este artigo (Formato ABNT):**

MATEUS, Raquel da Silva; SILVA, Juliana Alves da; SILVA, Tiago da; LIMA, Paula Veruska Alexandre de. Alfabetização e Letramento: uma abordagem teórico-metodológica do processo de leitura e escrita. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, Maio/2020, vol.14, n.50, p. 883-895. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 04/05/2020

Aceito: 11/05/2020